



Festa da Epifania

(06/01/05)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 60.1-6,9

Estamos ainda acompanhando a alegria do profeta pós-exílico com a restauração de Jerusalém. Em seu entender, o retorno dos exilados e a retomada da vida nacional em torno da Lei haveria de trazer bênção a todas as nações. Aqui o povo de Deus é chamado a refletir a glória de Iahweh. Ou seja, o povo é chamado também a brilhar de modo tão irradiante a ponto de atrair todas as nações a Jerusalém. Embora trate-se de um projeto de dimensões universais, há certo etnocentrismo refletido na nítida concentração em Jerusalém. A grande pista do texto é entender que à medida que compreendemos a glória de Deus brilhando e se manifestando em nós na pessoa do Cristo, tal fato há de atrair pessoas à comunidade (CEBC).

2ª leitura (Epístola) - Efésios 3.1-12

A revelação do mistério (administração do plano de Deus outrora oculto) da inclusão dos gentios, povo fora de Israel num só povo pela derrubada dos muros de separação de inimizade entre dois povos mediante o derramamento do sangue de Cristo (2.13,16) é o ponto central da leitura para a Festa da Epifania. Então, o mistério consiste em que as pessoas, povos de diferentes origens, e condições são incluídas num povo na condição de co-participantes e co-herdeiros da promessa do Evangelho. Assim, o mistério da graça, do Cristo tem duas dimensões. (a) A relação com Deus expressa na proclamação e celebração como resposta de amor, de fé, ação de graças, louvor aos atos de Deus que nos dão a ousadia e acesso a Ele com confiança (vs.12); (b) E, simultaneamente, a dimensão comunal e social do mistério, comunidade que se abre em comunhão na diversidade, comunhão que não apague as diferenças e as diferenças sejam expressão da reconciliação em Cristo.

É interessante observar o uso do termo ousadia, ou intrepidez ou liberdade, pelo menos, aqui e em 6.19-20. Aqui se refere à ousadia no acesso à presença de Deus e, noutro lugar, à coragem para anunciar o Evangelho, a despeito das ameaças de morte. Ali em 6.19ss, essa coragem está associada com a intercessão da Igreja. Assim a ousadia que a revelação do mistério de Deus nos proporciona tem a ver com a coragem de ser uma comunidade inclusiva no culto e na missão. É isso que, para a Carta aos Efésios (uma geração posterior), o apóstolo Paulo representou, através das cadeias e martírio, tornando-se fonte de ousadia da Igreja. (ST)

Santo Evangelho: Mateus 2.1-12 ver site Caio



Observe o comentário do 2º domingo após o Natal. É bom acrescentar que os dons que os magos ofereceram, representam, sem dúvida "as riquezas das nações" (Is 60.5-6) trazidas ao Messias. Os dons dos povos, ofertados ao Messias devem nos fazer meditar a respeito do tema da inculturação da liturgia. A inculturação da liturgia é uma das recomendações da última Conferência de Lambeth, bem como do Conselho Consultivo Anglicano. O texto de hoje é exemplar para nos conduzir a essa reflexão, pois conta da primeira liturgia oferecida em louvor ao Cristo. E essa liturgia foi oferecida não por judeus, mas por pagãos, os magos do Oriente.

O que significa a inculturação da Liturgia? Algo muito importante para nós que fazemos parte de uma Igreja que preza pela liturgia como fator de unidade de nossa fé. Na verdade, o anglicanismo não se mantém unido pela doutrina, pois não temos uma confissão doutrinária normativa. O que nos une no Brasil e no mundo é a disciplina de culto e oração configurada no LOC.

Esse fator que é positivo também tem seu lado negativo. Se já superamos o perigo do fundamentalismo bíblico, continuamos arriscados a cair no fundamentalismo litúrgico. Isso significa eleger formas de culto derivadas não da nossa cultura, mas de uma cultura alheia: a britânica. Nos acostumamos tanto com hinos nascidos em ambiente ocidental que estranhamos entoar na Igreja hinos em ritmo de samba, chorinho, sertanejo ou xote. Mas não estranhamos cantar música gospel americana. Por que? Estranhamos vestes litúrgicas de inspiração indígena, mas não estranhamos as vestes ocidentais. Fazemos parte de um povo alegre e festivo, que geralmente se cumprimenta efusivamente, mas no momento do abraço da paz, mal tocamos o irmão ou a irmã, tal como fazem os britânicos. E depois nos perguntamos porque nossos cultos não atraem muita gente.

Esse é também um problema missionário, pois ensinamos em nossa Igreja que o primeiro momento missionário é exatamente a celebração da glória de Deus através do culto. É quando celebramos o senhorio universal de Jesus que proclamamos ser Ele o salvador da humanidade. Mas como poderemos esperar que as pessoas que Deus atrai a Cristo, cheguem de fato a Ele, se nós nos mantemos fechados a inovações litúrgicas?

A partir dessa ótica, vale a pena recordar alguns aspectos do texto. Os magos foram primeiro a Jerusalém. É natural, pois pensaram ser lá o local da Revelação. Lá havia um Rei, sacerdotes e peritos na Lei. Mas era para Belém que a estrela apontava. Para um vilarejo sem qualquer importância do ponto de vista da elite cultural de Jerusalém. Jerusalém, na verdade, era tão auto-suficiente na sua convicção de que ali se preservava o "verdadeiro" culto a Deus, que o Templo passou a gerenciar apenas ritos sem qualquer impacto espiritual. O fato é que em Jerusalém se resumia a opacidade e a caduquice da velha aliança. Em Jerusalém, os magos não encontraram o Cristo. Encontraram apenas o rei e os sacerdotes. Era na pobre Belém que Deus se revelava. E lá, em meio a elementos pagãos, o menino Jesus foi reconhecido como o Redentor da humanidade.

Os magos do Oriente não necessitaram da Bíblia para guiá-los. Mas quem possuía as Escrituras e conhecia os profetas (a liderança religiosa de Jerusalém) tinham o coração fechado para compreender os misteriosos caminhos da revelação



divina. Os teólogos judaicos sabiam citar as escrituras, como o fizeram para Herodes, mas eram incapazes de compreender o modo como Deus se revela. Já os magos, que não possuíam as escrituras, seguiram o caminho do coração, e chegaram lá.

Nós cristãos nos entendemos fiéis guardiães da Revelação, mas tendemos a identificar a Revelação de Deus com a Bíblia ou com as formas de uma determinada cultura. Por isso sempre há quem estranhe o fato de inserir elementos pagãos no culto a Cristo. Esse foi um processo comum nos primórdios da história da Igreja. A língua helenista foi utilizada para anunciar aos gregos os mistérios do plano de Deus, tal como ouvimos domingo passado no texto que identifica Cristo como o Logos. Ouvimos também hoje, na linguagem grega utilizada por Paulo em Efésios. Ali o apóstolo diz que Deus nos escolheu por sua graça, e nos revelou seu plano secreto: unir, no tempo certo, debaixo da autoridade de Cristo, tudo o que há no céu e na terra. Esse plano é irrevogável. É do Onipotente. Nos escolheu para auxiliá-lo. e Paulo diz: "portanto, nós, que fomos os primeiros a pôr a esperança em Cristo, louvemos a grandeza de Deus". Na verdade, do ponto de vista bíblico, nós também somos gentios. Não fazemos parte do povo de Israel. As comunidades que mais cresceram no período da Igreja Primitiva foram as comunidades gentílicas. Nem mesmo o povo de Israel escapou desse projeto de Deus, pois boa parte de textos do Antigo Testamento são adaptações de textos pagãos e mesmo alguns Salmos eram originalmente hinos a Baal, que mais tarde os judeus adaptaram para o culto israelita. O mais conhecido é o 29: originalmente "Celebrai a Baal, filhos de Deus, celebrai a Baal glória e força". Esse processo continuou na Igreja primitiva sem problemas. Mas a cultura ocidental durante muito tempo se mostrou resistente a inserir elementos da cultura africana, asiática ou indígena em suas liturgias.

Deus continua a chamar os gentios a adorá-lo e a reconhecer Cristo como o único salvador. E ele quer fazê-lo através da Igreja. Nós podemos ajudar ou atrapalhar. A estrela continua a brilhar sobre os pagãos e também sobre nós. (CEBC).